



## “a nossa escrita é um reflexo, é um recorte, é um pedaço”: uma conversa com tatiana nascimento<sup>1</sup>

*“our writing it’s a reflection, it’s a clipping, it’s a piece”:  
a conversation with tatiana nascimento*

*“nuestra escritura es un reflejo, es un recorte, es un pedazo”:  
una conversación con tatiana nascimento*

Matheus Messias Santos<sup>2</sup>  
Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

### RESUMO

nessa entrevista, a autora contemporânea e brasiliense, tatiana nascimento, dança com temas como amor, religiosidades, culturas afro-indígenas, música e natureza. ela fala sobre romper com o paradigma da dor, da resistência e da denúncia na poesia negra lgbtqi+, priorizando escritas de *devaneiros*, além de pontuar novos rumos do seu trabalho.

**palavras-chave:** cuírlombismo; poesia negra e lgbtqi+; culturas afro-indígenas; religiosidades.

### ABSTRACT

in this interview, the contemporary author from brasilia, tatiana nascimento, dances with themes such as love, religiosity, afro-indigenous cultures, music and nature. she talks about breaking with the paradigm of pain, resistance and denunciation in lgbtqi+ black poetry, prioritizing daydreaming writings, in addition to pointing out new directions for her work.

**keywords:** cuírlombismo; black poetry and lgbtqi+; afro-indigenous cultures; religiosities

### RESUMEN

en esta entrevista, la autora contemporánea de brasilia, tatiana nascimento, baila con temas como el amor, la religiosidad, las culturas afroindígenas, la música y la naturaleza. habla de romper con el paradigma del dolor, la resistencia y la denuncia en la poesía negra lgbtqi+, priorizando escrituras de ensueño, además de señalar nuevos rumbos para su obra.

**palabras clave:** cuírlombismo; poesía negra y lgbtqi+; culturas afroindígenas; religiosidades.

<sup>1</sup> por uma posição política, artístico-epistemológica e estética da própria tatiana nascimento, todas as palavras que se referem direta ou indiretamente à sua produção serão mantidas integralmente em letras minúsculas. entretanto, penso ser coerente tomar a decisão de seguir neste mesmo fluxo e escrever toda a entrevista também em minúsculas, me utilizando da estratégia de sobrepor as minúsculas para não hierarquizar nomes, saberes e conceitos. desse modo, assim como a poeta entrevistada, de alguma maneira pretendo provocar rasuras y fissuras no que se é tradicionalmente esperado pelas hierarquias normativas.

<sup>2</sup> mestrando em letras: linguagens e representações pela universidade estadual de santa cruz - uesc, com pesquisa financiada pela capes, em que investiga as relações entre a poesia de tatiana nascimento e epistemologias negro-sexual dissidentes. <https://orcid.org/0000-0003-3407-3200> endereço eletrônico: [matheus.messisantos@gmail.com](mailto:matheus.messisantos@gmail.com)



## apresentação

é notório o impacto cultural da produção literária contemporânea de sujeitas negro-sexual dissidentes. tatiana nascimento, artista palavreira brasileira, promove rupturas com os cânones da nossa literatura ao se inscrever no mundo a partir de letras pretas e lésbicas. tatiana é poeta, compositora, cantora, tradutora e fundadora da padê editorial<sup>3</sup>. como lésbica e negra, a sua poética não deixa de ser atravessada por questões que compõem o seu existir, ou seja, ela é responsável por produzir e defender uma poesia negra, cuírlombista e lgbtqia+, e que pode desorbitar o paradigma da dor. nessa entrevista, que aconteceu através de longas e prazerosas trocas via whatsapp, tatiana se debruça em temas como religiosidades, culturas afro-indígenas, música, amor e natureza, de uma maneira que ela bem sabe fazer: palavras permeadas de poesia.

\*\*\*

**matheus:** tatiana, primeiramente quero lhe agradecer por topar a entrevista, mesmo em meio a tantas idas e vindas e outros trabalhos importantes. bom, é perceptível que as queeráporas contemporâneas, como você mesma coloca, buscam renunciar imposições coloniais ao reivindicar suas memórias ancestrais, cuírlombistas e de devaneiros como contradiscursos às imposições da colonização. você poderia nos falar sobre a importância do cuírlombismo para a emancipação de alteridades historicamente agredidas?

**tatiana:** eu penso que a universidade parece estar vendo as coisas através de uma janela. sabe quando você fica parada? eu moro num apartamento que tem varanda, y eu amo ficar vendo os pássaros voarem. eu fico muito tempo na janela vendo os pássaros voarem, mas isso não

---

<sup>3</sup> a “padê editorial” surge como uma contraproposta aos ditames da indústria editorial brasileira, que ainda é regida majoritariamente por homens brancos e cisheteronormativos. portanto, a tatiana nascimento e todo o time da padê integram um grupo cada vez mais potente, e que não se rende aos desdobramentos classistas, racistas e sexistas da indústria editorial brasileira. disponível em: <https://www.instagram.com/pade.editorial/>

significa ser um pássaro, não significa voar. então por mais que eu tenha uma vista privilegiada, porque estou num andar um pouco mais alto que o chão y vejo os pássaros um pouco mais de perto, eu ainda não sei nada sobre o voo. eu só assisto y acho lindo. quando escrevi esse "conceito" eu já estava há anos afastada da universidade, mais especificamente cinco anos depois do término do doutorado. então esse conceito não é uma proposta acadêmica, eu escrevi sobre ele em um ensaio<sup>4</sup>, que é bastante informal, apesar de ter um esmero com a forma, que é uma preocupação na minha obra.

mas eu não consigo dimensionar isso que você me pergunta, porque eu acho que a subjetividade, a complexidade y a materialidade das nossas vidas são muito mais vastas do que um conceito dá conta de esquadrihar. então eu penso que, como um conceito que reflete sobre produções literárias já feitas (y é bem a isso que eu me propus, eu investiguei textos), ele serve. mas não pra pensar o porvir, a vida material. então eu sinto que essa pergunta me coloca de novo nessa janela, olhando pra vida acontecendo lá fora. só um pássaro sabe o que é voar como um pássaro. eu só posso olhar, y acho maravilhoso. então, nesse sentido, eu fico pensando que esse conceito é muito massa, ele é um bom instrumento pra gente fazer teoria literária, por exemplo. mas eu não sei se ele dá conta de subjetividades historicamente agredidas. ele parte de um estudo que olha pra produções feitas por pessoas que, em suas vastas e complexas subjetividades, têm marcas profundas, que são interpeladas constantemente por esses sistemas de agressão, como você coloca. mas nossas subjetividades, y isso também está escrito no texto, y a profundidade da nossa vida, do que a gente pensa, do que a gente experimenta, estão muito além do que um conceito pode definir.

então, nesse sentido, eu celebro muito que isso seja tão importante pra você a ponto de me fazer essa pergunta, mas eu acho que você é muito generoso, y que o seu olhar é muito entusiasmado, talvez de um entusiasmo do qual eu não partilhe (ou não partilhe mais...). eu espero ter respondido isso de alguma forma satisfatória. mas, mais do que isso, eu espero que a gente consiga seguir com as nossas práticas de vida, com os nossos modos de viver, que se refletem um pouco naquilo que a gente escreve. a nossa escrita é um reflexo, é um recorte, é

---

<sup>4</sup> o ensaio “cuírlombismo literário: poesia negra lgbtqi desorbitando o paradigma da dor” integra a coletânea “pandemia”, da n-1 edições, lançada em 2019. disponível em: < <https://www.n-1edicoes.org/caixa-pandemia-amarela>>.



um pedaço, é uma gota dessa nuvem que chove muita tempestade. então eu espero que esse conceito continue dialogando com essas produções literárias y estéticas em geral, mas eu espero que a gente não precise ficar usando essa proposta de cuírlombismo literário pra tentar encaixar todos os aspectos da nossa vida, porque eu acho que aí já é demais, é *over*.

**matheus:** ainda na esteira do *cuírlombismo literário*, é notável que você delega espaço da sua escrita para sugerir novos horizontes enunciativos aos sujeitos dissidentes, propondo representações que transcendam o paradigma da dor. neste processo, de se construir caminhos de emancipação e valorização da produção epistemológica lgbtqia+ e negra enquanto potências discursivas, de que forma você considera que a sua poética rompe com esse paradigma da dor?

**tatiana:** como eu escrevo há muitos anos, y escrevo de forma organizada y sistematizada, eu consigo acompanhar a evolução da minha própria escrita. y não estou falando de evolução no sentido de que eu achava tudo ruim y depois ficou tudo melhor, mas no sentido de pensar o meu desenvolvimento ao longo do tempo. quando mais jovem, eu era muito movida pela raiva, y aprendi um tipo de ativismo que tem muito a ver com raiva. a minha escrita falava muito sobre raiva, y, também, sobre dor. então quando eu leio poemas que eu escrevi em 2007, 2008, 2009, por exemplo, y que muitas vezes são poemas tristes, reclamativos ou pesados, eu não me reconheço mais, porque agora eu tenho um outro compromisso com minha escrita. mas eu entendo de onde eu estava partindo y porque era importante pra mim falar sobre aquilo. eu só consegui me interessar por textos de autorias dissidentes y escrever sobre eles quando comecei a buscar essa pérola do que não é só dor, do que não é só resistência, do que não é só denúncia. a minha escrita foi buscando esses caminhos.

então é mais orgânico do que acadêmico, ainda que investigativo. é mais a tatiana poeta, que constrói um caminho a partir de querer, na minha própria poesia, escrever sobre o pássaro voando, sobre o jeito que uma onda quebra, sobre a dormência de uma semente do cerrado y quanto tempo leva pra ela despertar y se plantar. o interesse por escrever assim, com esses temas, que são considerados temas *outros* para os cânones que interpretam a nossa literatura, me permitiu desenvolver um pensamento teórico-analítico sobre produções dissidentes

diaspóricas que não falem só do tripé dor/sofrimento, resistência y denúncia. então é assim que eu acho que a minha poética consegue desorbitar o paradigma da dor, quando eu começo, não tão mais jovem assim, a me interessar por processos terapêuticos, saindo daquilo movido pela raiva. y eu acredito que outras pessoas tenham outras formas de produzir ativismo, mas o ativismo movido pela raiva, no qual eu me engajei, estava me adoecendo muito. y eu queria outras formas de estar no mundo. então eu começo a escrever sobre outras coisas, y isso começa a me interessar na escrita de outras pessoas.

**matheus: tatiana, você poderia então falar sobre o seu processo criativo, tanto na escrita, quanto na música, ainda associando-o à essa perspectiva de desorbitar o paradigma da dor?**

**tatiana:** a minha formação é em letras. eu sou formada em letras português y suas respectivas literaturas pela unb. então isso começa a me interessar quando eu quero buscar pares, quando eu quero escrever um ensaio sobre outras pessoas que estão produzindo literatura desde as suas subjetividades dissidentes, com as marcas do afeto, com as marcas da celebração da ancestralidade, com as marcas da recontação de cosmovisões. tudo isso me interessa muito. eu acho que esses três tropos têm a ver com o que eu busco na minha pesquisa: como a gente tem falado sobre afeto, como a gente tem remapeado nossas ancestralidades, como a gente tem reinventado cosmovisões y como a gente fala sobre território. y digo território de uma forma bem afetiva. eu sou de Brasília, mas eu falo sobre o cerrado de forma amorosa e deslumbrada. eu sou muito deslumbrada com o cerrado, y falo mais dele do que de Brasília. as poucas coisas que eu escrevi sobre Brasília são muito críticas, porque eu acho Brasília uma cidade muito dura, que tem um ordenamento espacial definido pelo racismo de forma muito explícita, y isso está nos poemas sobre a cidade. o cerrado é muito maior do que o distrito federal ou qualquer outra unidade da federação que tente contê-lo.

é aí que eu consigo, a partir desse exercício que começa na minha própria escrita poética, buscar outras pessoas que estejam também explorando esses lugares de falar sobre suas ancestralidades, suas territorialidades, suas afetividades. y então, de uma forma bem carente,



talvez, bem de quem quer ter bando, de quem quer formar matilha, eu consigo escrever sobre isso y definir um conceito. na escrita é por esse caminho, mas minha poética passa muito pela minha composição musical também. me interessam muito os sistemas de repetição, que eu faço numa máquina de *looper*, mas que têm raiz nos cantares tradicionais negros e indígenas do brasil, por exemplo. o sistema de chamada y resposta do jongo, da capoeira angola; o próprio maracatu y outras tradições que têm influência forte na minha produção de música, o lugar do estribilho. o sistema de chamada y de resposta, por exemplo, eu consigo fazer na máquina de *looper*, criando um coral com a minha própria voz, mas que simula, relembra y homenageia um coral de lavadeiras, com aquelas vozes mais agudas. isso me interessa muito. y eu acho que esse *fazer* é como eu desorbito.

y eu celebro muito a produção da palavra, falada, cantada, ou escrita também. eu escrevo muita poesia que é pra ser falada, y minhas canções são muito pra serem cantadas, pra cantar junto, com os refrõezinhos. acho que esse movimento tem a ver com me localizar num espaço de produção que seja fecundo, que seja feliz, que seja esperançoso, que tenha a ver com fazer junto. se a poesia é feita pra falar, ela é falada pra quem ouvir? se o refrão é feito pra outras pessoas cantarem, é pra quais outras pessoas? é pra estar com quem? então acho que é tudo sobre essa tentativa de estar junto, em diversos níveis: estar junto de tradições afro-indígenas, estar junto de quem ouve, estar junto do meu coração, y que a minha palavra acompanhe o desejo do meu coração de ser feliz, de estar bem, de produzir coisas frutíferas no mundo. y que se for pra alimentar mais corações, esse *fazer* pra estar junto é um caminho de desorbitar o paradigma da dor, que é muito solitária y tem a ver com solidão. inclusive a solidão amplifica as dores que a gente tem. se coletivizar, se acuirloamar, talvez sejam formas de curar junto, de compartilhar mais, de chegar mais longe. tem aquele provérbio bonito, que me disseram ser iorubá, que diz: se você quer chegar rápido, vá só, se você quer chegar longe, vá com todo mundo. então leve mais gente, esteja com mais gente. acho que isso, em alguma medida, me inspira, y tem a ver com isso que você pergunta, de sair do paradigma da dor.



**matheus:** sabemos que as epistemologias de povos tradicionais são comumente preteridas no universo acadêmico. você possui uma vasta trajetória na academia e uma textualidade imersa em elementos de religiões afro-brasileiras. poderia falar um pouco sobre o lugar que essas tradições ocupam em sua escrita?

**tatiana:** eu acho que eu pareço muito acadêmica. até porque eu tenho um título universitário, mas a minha trajetória na universidade foi tão instável, errante, principalmente quando eu comparo a minha trajetória com a de outras pessoas. tem gente que terminou o doutorado bem depois de mim y já é professora ou professor numa universidade. eu fiquei seis anos na graduação. é importante mencionar isso. sou da primeira turma de cotas pra pessoas negras/afrodescendentes que a unb adotou em 2004. foi difícil estar na universidade nessa turma primeira, sabe? havia muita reação, principalmente do corpo docente, tanto contra o sistema de cotas em geral, quanto contra estudantes negres, especificamente. isso se juntou a um processo de depressão que vinha me acompanhando y me arrastando há muitos anos. foi um momento muito depressivo da minha vida. mais pro final da graduação eu terminei um namoro, um processo que também me deixou muito baqueada, muito derrubada. então várias coisas se somaram para que a experiência que eu tive na graduação fosse muito pouco agradável: fatores epistêmicos, fatores emocionais, fatores relacionais e fatores geográficos. eu morava longe da universidade, precisava pegar dois transportes pra chegar, precisava acordar muito cedo. y eu trabalhava na época, num emprego de carteira assinada y horário fixo, e o meu curso era diurno. isso dificultava bastante a minha presença y permanência nas aulas.

quando eu olho o meu histórico escolar, por exemplo, tem muita reprovação. tem disciplinas que eu reprovei duas vezes, só consegui concluir na terceira, com aquela pressão que havia na unb (não sei se é assim até hoje) de que se eu reprovasse uma terceira vez eu seria jubilada. então o processo da graduação não foi simples não. quando eu terminei y quis ir pra pós-graduação, foi porque eu queria uma bolsa, apesar de não ter feito pesquisa remunerada



durante a graduação. a renovação do ensino no brasil com o reuni<sup>5</sup> de lula y dilma ia ainda apresentar seus frutos... então eu não sou da geração que pegou uma política de apoio à pós-graduação. se hoje já é difícil pra pessoas negras estarem na pós-graduação, fazendo pesquisas, imagina antes de ter políticas afirmativas pra valorizar o pensamento científico no brasil? então, eu sou dessa época. y isso é bem limiar. quando eu entro no mestrado, essas políticas já começam a ser implementadas y vem a era de ouro: expansão dos cursos de graduação, maior demanda por pós-graduação, novos investimentos, fortalecimento da capes, a consolidação do lattes. nesse período, logo no fim da graduação, todas essas palavras começam a fazer parte do meu vocabulário, y é quando eu começo a me interessar por fazer um mestrado pra ter uma bolsa y porque eu não estava me sentindo segura pra entrar no mercado de trabalho como professora. y depois disso eu ainda fico mais de três anos na universidade, fazendo doutorado. então ficam o total de dez anos, quase. três anos y meio eu fiquei no doutorado, y os seis anos de graduação. mas isso não significa que eu me sinto alguém que possui uma vasta trajetória na academia, sabe? é vasta porque eu fiquei muito tempo, mas eu não acho que eu fui uma aluna exemplar, como outros estudantes, que não tinham preocupações de horário y nem preocupações fora da universidade. y minha vida era muito fora da universidade. y essa resposta longa é só pra explicar que, apesar de eu ter feito graduação e doutorado, eu não considero que a minha produção seja tipicamente acadêmica, até porque eu estou há muitos anos fora da universidade.

quando eu terminei o doutorado, em 2014, eu fui me dedicar à padê. y aí eu fiz um combinado comigo de que eu não iria ficar tão dedicada ao contexto acadêmico porque ele é um contexto que pode ser muito adoeecedor. y universidade é um lugar muito elitista y branco. então eu decidi que eu não iria mais fazer parte desse rolê. mas, principalmente, eu acho que uma das narrativas que mais funcionam pra manter a gente fora da universidade é essa reprodução discursiva de que esses espaços não são pra nós, y que produzir nesses espaços torna a gente muito incompreensível. infelizmente eu já era “incompreensível” antes de estar na universidade (kkkkrying). eu não aprendi a pensar na universidade. eu fui pra universidade inclusive porque eu queria novas formas de pensar, queria mais diálogo. mas eu lembro de ser

---

<sup>5</sup> o programa de apoio a planos de reestruturação e expansão das universidades federais – reuni foi instituído pelo governo lula, em 24 de abril de 2007, através do decreto 6.096. disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/diretrizesreuni.pdf>>.

muito *nerd* na infância, porque eu gostava de ler. eu sou gorda desde criança, meus irmãos eram super atléticos y eu era a criança rato de biblioteca. isso tem mais a ver com corpo do que com outras coisas, do que com desejo acadêmico. às vezes eu penso que a gente perde muito quando damos tudo pra universidade, sabe? a minha escrita na universidade era super rechaçada, desde a graduação até o doutorado. eu tive dificuldade em defender a minha tese com a segunda orientadora que pegou o meu trabalho y finalizou a orientação comigo, porque ela não aceitava a forma com que eu escrevia. bem diferente da experiência que eu tive com a primeira orientadora. eu entrei já com 23 anos na universidade, na minha turma tinha gente de 17 anos, de 18 anos, que não trabalhavam, que moravam no bairro da universidade. então essas trajetórias tornavam o nosso percurso bem diferente.

y isso tudo é pra dizer que o meu contato com os elementos de religiões de matriz afro, que aparecem em minha escrita, não tem relação nenhuma com a universidade. eu nem dependi de estar na universidade pra ter acesso a algumas teorias y coisas sobre essas tradições que eu aprendi através de livros, por exemplo. y o contato que eu tinha com as religiões, por conviver com pessoas de terreiro y ter acesso a alguns terreiros, não foi atrapalhado pela universidade. y eu decidi celebrar essas heranças na minha escrita porque eu sou muito grata às entidades, aos orixás, que muito me curaram e me ajudaram quando eu precisava y quando eu ainda preciso. até hoje eu me sinto muito acolhida. y eu tento honrar isso, honrar o que eu recebo, falando com gratidão y amor de quem cuida de mim. y eu acho que muitas pessoas ignoram que eu falo muito sobre jesus cristo, y que eu sou muito cristã. nesse sentido, eu não tenho uma religião fixa, apesar de frequentar muito a umbanda, principalmente, mas eu sou muito cristã (assim como a umbanda, aliás, mas não foi na umbanda que aprendi sobre jesus). y eu acho que a gente também perde a herança de jesus cristo quando a gente dá tudo para as igrejas tradicionais, para o pensamento tradicional da igreja que é branca y que pensa um jesus embranquecido.

y no brasil, pensar religião de matriz afro-indígena também é pensar em como essas religiões ressignificaram a herança católica de uma forma muito bonita pra gente. y que tem a ver com ideias muito cristãs, de jesus cristo no caso, porque às vezes a gente fala a palavra *cristã* y isso é remetido direto à igreja católica, ou a algum tipo de igreja neopentecostal, mas o



pensamento y a prática de jesus cristo extravasam muito as estruturas das igrejas, as questionam, na real. y a fartura, que é celebrada, faz partes das cosmovisões y é um princípio negro por excelência, tão importante para os povos jejes, bantus, iorubás, também é um princípio pra jesus. eu gosto sempre de lembrar que jesus é esse cara que aplacou a fome de uma multidão multiplicando pães y peixes. eu acho importante falar isso, y lembrar que esse cara era um cara de pele escura, como diz a própria bíblia. y a igreja católica y outras igrejas fizeram jesus embranquecer, y a gente não pode deixar essa narrativa vencer assim. então eu também escrevo sobre essa visão, que recentemente eu aprendi que se chama ecumênica, porque faz sentido pra mim, porque é o que move meu coração. então aparece como eu te falei, sobre as árvores, sobre os pássaros, sobre as sementes, sobre o mar. aparece com muita reverência, com muito amor, y com muita gratidão. mas aparece de uma perspectiva ecumênica.

**matheus: tatiana, é notável que a sua escrita possui dimensões estéticas e discursivas muito inventivas. poderia falar um pouco sobre o seu processo de criação, sobre o que lhe direciona, por exemplo, a optar pelo uso de letras minúsculas, da letra “y” e outras arteirices em seus textos?**

**tatiana:** eu acho que ficar velha tem muitas vantagens. amadurecer y envelhecer têm muitas vantagens. mas, principalmente pra mim, tem permitido me conhecer melhor através da minha escrita. como eu guardo bastante as coisas, costumo fazer registro, posso comparar, posso voltar, ler de novo, tentar lembrar um pouco do que eu estava pensando. y talvez eu atribua muitas coisas ao determinismo astrológico, porque eu acho que é uma desculpa boa de dar. eu tinha muito um ímpeto aquariano de buscar a diferença, de buscar alguma diferença na minha escrita, coisas que pudessem deixar a minha escrita ser diferente de outras coisas que eu lia. y essas formas que você cita são algumas dessas maneiras que eu achei de fazer isso. sobre o conectivo, eu acho que eu escrevi um pouco sobre isso na tese de doutorado<sup>6</sup>; apesar de não ser um texto que eu cite muito, acho importante dizer que eu já expliquei o porquê de

---

<sup>6</sup> disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/128822/331961.pdf?sequence>.

aquilo ser tão importante, naquele momento, em que eu estava fazendo aquela pesquisa. eu tentei fazer isso dentro da universidade, onde era muito mais difícil de caber.

y na minha escrita esses experimentalismos têm a ver com deixar a poesia mais informal, mais sonora, mas tb mais fácil de ler, mais parecida com o jeito que eu falo, menos parecida com aqueles poemas escritos que são difíceis de falar, de pronunciar, de declamar. y no fundo eu acho que tudo tem uma vontade de comunicar mais, de comunicar pra mais pessoas y de não ser difícil de compreender. y eu acho isso importante. eu recebia muito essa crítica por ser muito *nerd* numa família muito solar e esportista. eu queria muito ser entendida y não era. y eu acho que agora, tantos anos depois (eu escrevo desde bem nova) eu tenho conseguido mais, eu fico bem satisfeita com o resultado y com a forma com que eu escrevo os poemas. me diverte bastante. y permite interpretações diversas.

**matheus:** levando em consideração que a indústria editorial, sobretudo no brasil, é regida majoritariamente por homens brancos, poderia falar sobre a importância de coletivos e editoras que não se rendem aos desdobramentos classistas, racistas e sexistas da indústria? nos conte um pouco sobre a sua trajetória e quais foram as motivações para fundar a padê.

**tatiana:** a padê é uma editora de livros artesanais e cartoneiros (livros com capa de papelão reutilizado, de caixas de supermercado) que homenageia exu, orixá da comunicação, do movimento, da atribuição descolonial de sentidos. "padê" significa farofa de dendê. foi sonhada em 2015 e criada, oficialmente digamos, em 2016 com as publicações de esboço, meu primeiro livro de poemas, e de {penetra-fresta}, primeiro livro de poemas de bárbara esmenia. quando nos conhecemos, eu a convidei pra montar uma editora de livros cartoneiros pra publicarmos outras pessoas lgbs, ou negras (bárbara também é lésbica), ela aceitou o convite, assim nasceu a padê.

no nosso catálogo, temos cerca de 60 títulos e a maioria é de poesia. então acaba sendo nosso gênero específico. na padê, a publicação depende muito da participação da autora/do autor. os



livros são feitos manualmente um a um e fazemos oficinas de encadernação em que compartilhamos ferramentas, formas de fazer, afeto; depois que o livro é lançado, a pessoa autora fica com o .pdf do miolo, além do saber artesanal, pra que assim possa seguir fazendo seus livros e vendendo-os, com renda exclusiva pra ela.

num brasil de mercado editorial tão dominado por conglomerados sudestinos/sulistas, em que a ideia de best seller é um livro traduzido, enquanto a literatura aqui feita fica geralmente em segundo plano, é fundamental publicar de forma autônoma. os livros artesanais são, ainda, um furo na bolha da bolha, porque em geral editoras independentes cobram (nem sempre um preço justo!) pra publicar as pessoas, e nem isso significa que seu livro vá ser publicado. dos meus 16 livros autorais publicados até hoje, a maioria saiu pela padê. acho impressionante que sendo uma editora centro-oestina, nova, que tem o maior catálogo nacional em títulos de autoria lgbtqia+; coordenada por mim, uma autora negra lésbica com tantos títulos publicados, ainda sejamos, tanto a padê quanto eu, tão pouco conhecidas, difundidas. pra mim, a importância de ter uma editora é poder publicar meus escritos, e os escritos de outras pessoas que, como eu, nem sempre cabem em projetos editoriais alheios – autônomos ou hegemônicos. isso, obviamente, tá relacionado à invisibilização da dissidência sexual na autoria negra e vice-versa, pois ainda há uma colonização mental que cria expectativas editoriais de que literatura negra seja sempre heterossexual e cisgênera, e de que literatura lgbt seja sempre branca.

**matheus: tati, estamos chegando ao fim da nossa conversa e eu gostaria de lhe agradecer pelo carinho, pela atenção e por respostas tão grandiosas. pra encerrar, quero deixar esse espaço aberto para você falar sobre qualquer coisa que desejar, se manifestar sobre novos trabalhos e projetos futuros. nos conta tudo!**

**tatiana:** bom, daqui a pouco vou lançar o meio beat meio banzo, meu primeiro disco; isso é muito massa. vai estar nas plataformas de ouvir música pela internet rrrrrrrrrrrrrrrrrrr



sigio escrevendo, compondo, mas com menos tempo porque ser mãe solo do jeito que escolhi, com priorização à minha filha, deixa menos tempo pra outras coisas.

as novidades eu divulgo quando lembro lá no instagram @tatiananascivento

gracias pela entrevista! afeto pra todo mundo que ler essas palavras! y, óbvio né, torcendo aqui do alto desse 25 de outubro de 2022 na beira do segundo turno, para que quando a revista for publicada, estejamos celebrando a extinção do bolsonarismo, amém, axé, saravá, assim seja!

Entrevista